

3. DESCONSTRUINDO O NORMATIVO ATRAVÉS DAS MOCHILAS: EXISTEM OUTRAS POSSIBILIDADES DE SER?

André Vieira

Permito-me iniciar este relato dizendo que ele, em seu desenvolvimento, não traz uma linearidade do pensar a prática, muito menos uma sequência didática tal como rotina de aula pensada na Educação Infantil; uma vez que o projeto foi pensado aula a aula, a fuga de resultados preestabelecidos se faz necessária. Deste modo, as aulas foram se dando após os resultados obtidos em discussões de cada aula. A transcrição aqui busca aproximar leitoras e leitores das situações de atravessamentos vividas pelas crianças e pelo professor, parte integrante do projeto, em que, juntas,¹¹ brincamos e ressignificamos o existir e, conseqüentemente, o pensar o currículo da Educação Infantil. Isso não é uma receita, mas a partilha de momentos da vida docente.

E foi assim...

O projeto foi realizado em uma instituição de Educação infantil da cidade de São Paulo com crianças do jardim I e II. Tendo início após a observação do professor durante a chegada das crianças na escola, identificando as mochilas das meninas e dos meninos, conseqüentemente os códigos corporais trazidos para dentro da escola, este processo se dá por meio do mapeamento. Mapeamento se refere à observação realizada pelo professor na identificação dos códigos corporais das crianças e nas culturas acessadas por elas. Neste caso, as mochilas apresentavam possibilidade de discussão. Meninas com mochilas de princesas e outras personagens ditas femininas e meninos com heróis e carros. As provocações acontecem por meio das perguntas lançadas pelo professor, tais como: *como são as mochilas de vocês? Como são as mochilas das meninas? Como são as mochilas dos me-*

11. “Juntas” é uma possibilidade de escrita não binária, uma vez que o trabalho realizado oferece outras formas de se pensar o existir.

ninos? Quais desenhos (personagens) estão nelas? Existe outro jeito de ser?

Estas perguntas permitiram-nos iniciar o trabalho trazendo discussões, com a intenção de apresentar outras possibilidades de existência a partir das “diferenças”. É de extrema importância sinalizar que, em momento algum, durante o projeto foi pensada a legitimidade das possibilidades apresentadas. Ele nos permitiu a fuga das narrativas de certo, errado, melhor ou pior, ideal, não ideal, bem e mal, dando-nos espaço para pensarmos, juntos, as várias formas de existir a partir das diferenças, na intenção de potencializar vida.

Pensando outras possibilidades na Educação Infantil

Descrição do projeto

Após as respostas das crianças e com o passar de algumas aulas, começamos a perceber que meninas tinham mochilas de princesas, em sua grande maioria loiras e magras, e meninos tinham de heróis fortes e corpos extremamente masculinizados, em sua maioria brancos. Perguntei para turma se existe outra possibilidade de ser herói ou princesa. A maioria das crianças relata não saber de outras representações, poucas citam a personagem da Princesa e o Sapo sendo negra e Lanterna Verde como herói negro. Após a fala das crianças, faço outro questionamento: *alguém aqui na turma tem mochila ou alguma coisa desta ou deste personagem?* Ninguém da turma tinha. As crianças negras, tanto as meninas quanto meninos, tinham outras representações de princesas e heróis.

Neste dia, as brincadeiras se deram a partir das representações dos desenhos das mochilas, em que cada estudante tinha a possibilidade de ser um herói ou uma princesa, e lá fomos realizar as brincadeiras. Pensando que elas eram propostas pelas crianças, neste momento aparecem as brincadeiras que as crianças conhecem os seus códigos e significados. Devido ao tema da aula, as brincadeiras são atravessadas por questões voltadas a heróis e princesas; pega-pega herói, pega-princesa, esconde-esconde herói, esconde-esconde princesa, dentre outras.

“Professor, as princesas não brincam correndo e não fazem bagunça...”

“É mesmo, princesas são educadas, elas não brincam de esconde-esconde e nem de pega-pega...”

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (Hall, 2011, p. 39)¹²

Crianças:

As princesas são magras e bonitas e os heróis são fortes ...

Quem é magro faz academia ...

Para emagrecer tem que fazer dieta ...

Professor:

Onde vemos e ouvimos estas coisas?

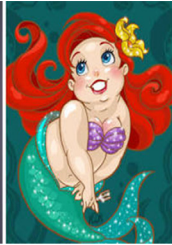
Crianças:

Minha tia que fala isso, eu estou gorda tenho que fazer academia...

Meu pai faz academia e quando ele chega em casa diz que está forte igual um herói...

Na intenção de ampliar as discussões e pensar outras possibilidades de existência, apresento para as crianças outras representações de princesas e heróis, perguntando se são princesas e heróis. Imagens com heróis negros, gordos e deficientes, princesas negras, gordas e deficientes, homens vestidos de princesas e princesas utilizando armas.

12. Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Belo Horizonte: DP&A, 2011.





Fonte: Acervo do autor.

Estas imagens são retiradas da internet, na intenção de apresentar outras possibilidades e representações de corpo. Vale ressaltar o quanto as imagens são padronizadas no que se refere a pensar as identidades de princesas e heróis modificadas, ou seja, a partir de uma representação já estabelecida com a modificação, algo que não possibilita diferentes representações e formas de existir. Com isso, no primeiro momento as crianças questionam a não existência dos personagens apresentados.

Crianças:

Não, ela é gorda, gorda não é princesa...

Ele não pode se vestir de herói, ele é magro...

Homem não pode colocar roupa de princesa...

Pode sim, no carnaval pode...

Tendo em mente a presença de crianças com deficiências na escola e crianças gordas, faço outra pergunta. *Estas pessoas não existem, não existe deficiente e pessoas gordas? Elas não podem ser heróis e princesas? Só é princesa se estiver sem arma?* Ficou um silêncio na turma e voltamos às brincadeiras, neste momento as aulas passam a ter como discussão as várias formas de existência e possibilidades de vida.

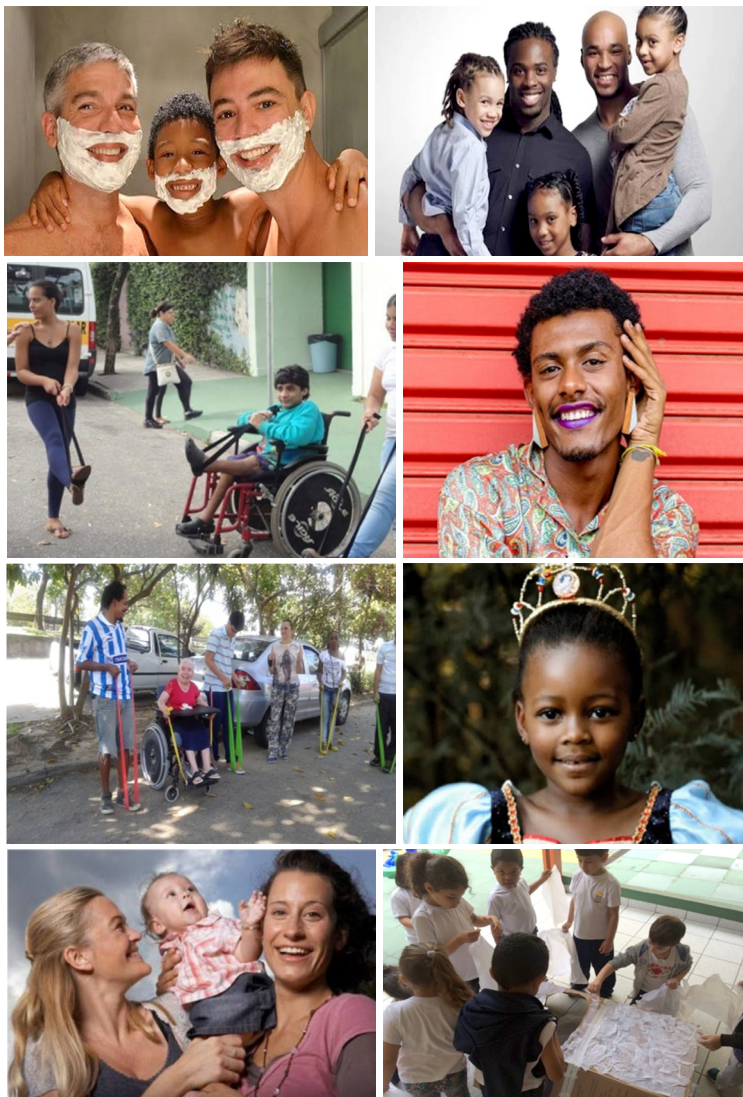
Passamos a pensar e perceber que as pessoas são diferentes e cada qual tem seu jeito, algo que deve ser entendido. Pensando com as crianças e sempre na intenção de levantar questões para pensarmos outras, surge a seguinte questão: *se somos todos diferentes, por que nas mochilas, filmes e desenhos as princesas e os heróis são todos de um mesmo jeito? Vamos nos olhar, somos iguais?*



Fonte: Acervo do autor.

Após estas provocações, apresento para crianças imagens de pessoas reais, então surge a Laerte, a Liniker, modelos *plus size*, outras representações de família, e com ajuda da colega Jaqueline Martins, consigo fotos de suas aulas no EJA, as quais apresentam pessoas com deficiência fazendo aulas de Educação Física.





Fonte: Acervo do autor.

Crianças:

As pessoas podem ser quem elas quiserem ...

Homens podem ser princesa, não é só no carnaval ...

E podem usar as roupas que quiserem ...

As crianças começaram a falar sobre as provocações lançadas, indiretamente para as crianças e diretamente para o professor, estávamos discutindo padrão de corpo e as imposições normativas que regulam nossos corpos. Estávamos utilizando Foucault (2009)¹³ e Butler (2016)¹⁴ para nos ajudar na desconstrução discursiva e na fuga do binário e de corpos marginalizados.

Por meio das práticas e discussões, surge a ideia de fazermos um castelo como brincadeira, brincar de castelo. Quando isso surge, penso nas várias provocações levadas para as crianças e de como seria este castelo, pois poderia vir a ser uma armadilha e reforçar certas identidades. O não pensamento em nome da normatividade reforça. Não contribui na desconstrução e sim legítima, marca, e pouco ajuda na mudança do que está posto (Butler, 2016). Por meio deste trecho em Butler, nós já estávamos indo contrário ao que está posto, uma vez que nos permitimos olhar para outras formas de existência; nesta lógica, o castelo poderia vir como possibilidade de desconstrução e fuga das narrativas construídas sobre suas representações.

Neste momento, a construção coletiva das crianças passa a ser potencializada, em que cada um contribui de diferente forma e o brincar junto se faz presente. Pensando nas provocações lançadas, vão surgindo algumas questões, se neste nosso castelo o menino poderia ser a princesa, se a menina poderia ser o príncipe, como deveria ser a princesa e o príncipe, e se deveria ter ou não estas representações, podendo então pensar em outras formas de ser, pensar o corpo e suas representações.

Colocamos o nome de *Castelo das diferenças*, em que cada qual tem seu jeito e pode ser como quiser, dando então possibilidades para se construir e pensar as várias formas de ser. Nesta direção, um currículo pautado nas questões relacionadas à diferença passa a não fixar apenas um modo, questiona este quando estabelecido e parte

13. Foucault, M. *A ordem do discurso*. Editora Loyola, São Paulo, 2009.

14. Butler, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2016.

para as várias formas e possibilidades, discutindo condições de existência sempre com a preocupação de não apresentar certo e errado, está dentro, está fora, este vale, este não, e a partir das diferenças existentes, as quais se fazem presentes todo o tempo dentro e fora do espaço escolar, resistindo para existir e terem voz.

Acreditamos que o projeto realizado mostrou outras representações, partindo das identidades normativas, pensando o corpo em sua construção discursiva, caminhado pela apresentação de outras possibilidades de existência, algo que nos faz pensar a função social da escola neste novo tempo e os atravessamentos vividos por todos, crianças, professor e pessoas que cuidam das crianças. Neste processo, todos, de certa forma, participam e travam contato com ele.





Fonte: Acervo do autor.

*A vida ficou como vida
Quando soube que era pensada como vida
Me convida, pra juntas pensarmos a vida
Mesmo que dolorosa
Mas com vida
(BABG)*